



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação

Material Estruturado



SUBSECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL

GERÊNCIA DE CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

9º Ano | Ensino Fundamental - Anos Finais

- ✓ VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
- ✓ RECONSTRUÇÃO DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO
- ✓ APRECIACÃO E RÉPLICA

LÍNGUA PORTUGUESA

DESCRITOR SAEB	DESCRITOR PAEBES	HABILIDADE PRINCIPAL	OBJETO DE CONHECIMENTO DA HABILIDADE PRINCIPAL	EXPECTATIVA DE APRENDIZAGEM DA HABILIDADE PRINCIPAL	HABILIDADE ASSOCIADA	OBJETO DE CONHECIMENTO DA HABILIDADE ASSOCIADA	EXPECTATIVA DE APRENDIZAGEM DA HABILIDADE ASSOCIADA	HABILIDADE DA COMPUTAÇÃO RELACIONADA
Analisar as variedades linguísticas em textos	D103_P Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.	EF09LP12 Identificar estrangeirismos, caracterizando-os segundo a conservação, ou não, de sua forma gráfica de origem, avaliando a pertinência, ou não, de seu uso.	✓ Variação linguística	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar estrangeirismos, caracterizando-os segundo a conservação, ou não, de sua forma gráfica de origem, avaliando a pertinência, ou não, de seu uso, compreendendo essas diferenças para usá-los adequadamente 	EF69LP49 Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.	✓ Adesão às práticas de leitura	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar leitura de livros de literatura e acessar outras produções culturais do campo que representem um desafio em relação às possibilidades atuais e experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, nos conhecimentos sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor, de forma a romper com o universo de expectativas, demonstrando interesse e envolvimento. 	-
		EF69LP44 Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Reconstrução das condições de produção, circulação e recepção ✓ Apreciação e réplica 	<ul style="list-style-type: none"> • Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, de forma a reconhecer nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. 			-	

Contextualização

**Feriado de Zumbi e da Consciência Negra
20 de novembro**

Caro(a) Professor(a),

Iniciamos, a partir de agora, uma jornada literária que vai além das páginas dos livros: um convite para expandir horizontes, ouvir novas vozes e reconhecer as raízes que formam a diversidade cultural do Brasil. Nossa proposta é explorar obras literárias e produções culturais afro-brasileiras, muitas vezes silenciadas ou invisibilizadas no espaço escolar, mas que carregam histórias potentes de resistência, beleza, ancestralidade e pertencimento.

Ao longo desta sequência, os textos escolhidos apresentarão desafios: linguagem diferente, experiências que talvez não sejam as suas, gêneros pouco explorados. Mas é justamente nesse confronto com o novo que o conhecimento se amplia. Vamos nos apoiar nas marcas linguísticas, no contexto de produção, nas orientações dadas em aula — e, principalmente, na escuta sensível e respeitosa.

Essa leitura não é apenas um exercício de interpretação: é um ato de valorização, de reconhecimento e de transformação. Que cada estudante possa se permitir atravessar o texto — e também ser atravessado por ele.

Tenha um excelente trabalho!



Conceitos e Conteúdos

Leia o poema abaixo:

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.



Esse poema é um exemplo marcante da literatura afro-brasileira, pois traz à tona as vozes silenciadas de mulheres negras ao longo da história do Brasil. A autora faz uma linha do tempo poética, mostrando como, de geração em geração, essas vozes resistem, mesmo diante da escravidão, da exploração, da pobreza e do racismo.



Sua importância está em dar visibilidade à história e à identidade afro-brasileira, valorizando a luta, a cultura e a força dessas mulheres, muitas vezes ignoradas na literatura tradicional.

Glossário:

recolhe: acolhe as vozes silenciadas do passado.

ressonância: eco; repercussão.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 24-25.



Disponível em:
<https://www.dmtpalestras.com.br/palestrante/conceicao-evaristo/>. Acesso em 28 jun. 2025.



Conceição Evaristo é uma importante escritora da literatura contemporânea feminina no Brasil, reconhecida por valorizar a ancestralidade negra e retratar o cotidiano das mulheres negras em seus textos. Suas obras denunciam preconceitos sociais, culturais e políticos, representando um ato de resistência e identidade. Essa literatura contribui para a superação da visão colonial (decolonialidade), ao permitir que mulheres negras se autorrepresentem por meio da escrita.

Hoje em dia, a literatura faz parte de um cenário cheio de mudanças e de novas possibilidades. Com a presença da tecnologia e da mistura de diferentes culturas, os textos literários passaram a refletir de forma mais intensa os desafios e as transformações da sociedade atual. A literatura contemporânea tem um papel importante: ela nos ajuda a entender melhor o mundo em que vivemos.

Um dos pontos mais marcantes dessa nova fase da literatura é o espaço que se abriu para autores e autoras de diferentes origens, culturas e identidades. Agora, é possível conhecer histórias que vêm de diversas realidades, o que enriquece a leitura e nos ajuda a criar empatia por outras experiências de vida.



A literatura afro-brasileira tem um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa, representativa e consciente da própria história. Sua importância vai muito além do aspecto artístico: ela é também resistência, memória e afirmação de identidade.

Por que ela é tão importante?

- Dá voz às vivências negras, muitas vezes silenciadas pela história oficial.
- Combate o racismo estrutural, ao mostrar realidades que a literatura tradicional costumava ignorar.
- Valoriza a cultura afro-brasileira, incluindo suas crenças, tradições, ritmos, saberes e ancestralidades.
- Inspira representatividade, pois crianças e jovens negros passam a se ver como protagonistas, e não apenas como personagens secundários ou estereotipados.
- Promove a empatia, ao permitir que leitores de diferentes contextos conheçam outras realidades e pontos de vista.



Leia abaixo o conto *Maria*, de Conceição Evaristo:

Maria



Conceição Evaristo

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão?

A palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca-laser corta até a vida!

Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quando tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem assentou-se ao lado dela. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também. Ficava, apenas, de vez em quando, com um ou outro homem. Era tão difícil ficar sozinha! E dessas deitadas repentinas, loucas, surgiram os dois filhos menores. E veja só, homens também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito...

O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos.



O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca-laser que parecia cortar até a vida.

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que ela [...] conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz ainda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei porquê. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembra vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela [...] negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção a Maria. A mulher teve medo e raiva. Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção a Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: Calma, pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos gostam de melão?

Tudo foi tão rápido, tão breve. Maria tinha saudades do seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado.

Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.

(In: *Olhos d'água*, p. 39-42).

Glossário:**coleio:** comparsa; aliado**lincha/linchamento:** agressão violenta por um grupo de pessoas**segredado:** dito em segredo

Sobre o conto...



O conto de Conceição Evaristo narra a dura realidade de Maria, uma mulher negra, pobre e trabalhadora, que sofre com as injustiças sociais e o preconceito racial. Ao ser confundida com uma criminosa, Maria é vítima de violência e humilhação, mesmo sendo inocente. A autora denuncia, com sensibilidade e força, o racismo estrutural, a desigualdade e a exclusão social. É um texto que representa a resistência das mulheres negras e a importância de dar visibilidade às suas histórias.

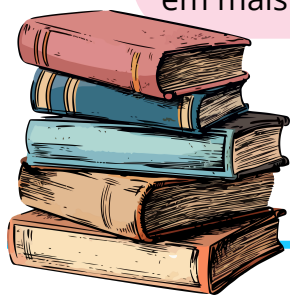


Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus foi uma das primeiras escritoras negras a ser publicada no Brasil. Viveu em situação de extrema pobreza e fome, morando em favela e trabalhando como catadora de papel. Com sensibilidade e força, registrou em seus escritos a dura realidade que enfrentou desde a infância. Sua obra, composta por mais de cinco mil páginas manuscritas — incluindo romances, contos, crônicas, poemas, peças de teatro, músicas e textos híbridos —, é marcada por um estilo próprio e autêntico. Ao escrever a partir de sua vivência, Carolina rompe com os padrões da norma culta e da tradição literária brasileira, transformando sua produção em um poderoso ato de denúncia social. Sua voz ecoou pelo mundo, com traduções em 14 idiomas e publicações em mais de 40 países.



Disponível em:
<https://webstories.quatrocinco.com.br/que-m-foi-carolina-maria-de-jesus/>. Acesso em 28 jun. 2025.



Leia abaixo um trecho do Livro Quarto de Despejo:



Quarto de despejo

(excerto)

Carolina Maria de Jesus
13 de Maio.



O trecho de "Quarto de despejo" ao lado mantém a ortografia do texto original.

Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.

...Nas prisões os negros eram os bodes expiatorios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes. Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair. ...Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada:

– Viva a mamãe!

A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. Mandei-lhe um bilhete assim:

– “Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude catar papel. Agradeço, Carolina”.

...Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!

Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/24-textos-das-autoras/63-carolina-maria-de-jesus-13-de-maio>. Acesso em 29 jun. 2025.

Glossário:

bode expiatório: pessoa culpada por algo que não fez

brada: grita com entusiasmo

virado: prato simples feito com farinha misturada a outros ingredientes

No dia 13 de maio de 1958, Carolina reflete sobre a abolição da escravatura enquanto enfrenta a fome e a pobreza. Ela mostra que, apesar da liberdade oficial, a desigualdade e o sofrimento dos negros continuam presentes no cotidiano.



- Autodidata brilhante: apesar de ter estudado formalmente apenas até a 2ª série, Carolina aprendeu a ler e escrever sozinha e desenvolveu um estilo literário único.
- Catadora e cronista da favela: ela escrevia seus diários em cadernos encontrados no lixo, registrando o cotidiano duro da favela do Canindé, em São Paulo.
- Descoberta por um jornalista: o jornalista Audálio Dantas conheceu Carolina durante uma reportagem e ficou impressionado com seus escritos. Foi ele quem ajudou a publicar seu primeiro livro.





Itamar Vieira Junior é um escritor baiano, autor de *Torto Arado*, um dos livros mais vendidos e premiados da literatura brasileira recente. Com uma escrita sensível e crítica, ele aborda temas como racismo, desigualdade social, religiosidade popular e conflitos agrários, dando voz a personagens do Brasil profundo. Sua vivência no interior do país e sua formação acadêmica influenciam fortemente sua obra, que hoje é reconhecida nacional e internacionalmente.



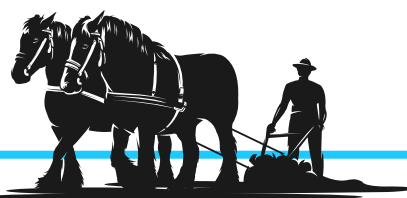
Leia o trecho de *Torto Arado*:

Excerto de "*Torto arado*" - Cap. 21

Itamar Vieira Junior

Um dia, meu irmão Zezé perguntou ao nosso pai o que era viver de morada. Por que não éramos também donos daquela terra, se lá havíamos nascido e trabalhado desde sempre. Por que a família Peixoto, que não morava na fazenda, era dita dona. Por que não fazíamos daquela terra nossa, já que dela vivíamos, plantávamos as sementes, colhíamos o pão. Se dali retirávamos nosso sustento.

Esse dia vive em minha memória. Não se apaga nem se afasta ainda que envelheça. O sol era tão forte que quase tudo ao alcance de minha visão estava branco, refletindo a luz intensa do céu sem nuvens. Meu pai retirou o chapéu, o calor fazia minar de seu corpo um suor grosso que lhe lavava o rosto, escorrendo pela frente e pelas têmporas. Escorria pelo lado anterior de seus braços, formando grandes manchas em sua camisa surrada. O barro cobria sua calça, sua enxada, seus braços, o chapéu largo em suas mãos. Eu atirava milho e restos de comida para as galinhas. "Pedir morada é quando você não sabe para onde ir, porque não tem trabalho de onde vem. Não tem de onde tirar o sustento", apertou os olhos, olhando para a cova diante de seus pés, "aí você pergunta pra quem tem e quem precisa de gente para trabalho: 'Moço, o senhor me dá morada?'. De pronto seu olho se ergueu para meu irmão: "Trabalhe mais e pense menos. Seu olho não deve crescer para o que não é seu". Apoiou a enxada em pé no solo, segurando a ponta do seu cabo com um dos braços. "O documento da terra não vai lhe dar mais milho, nem feijão. Não vai botar comida na nossa mesa." Retirou papel e fumo do bolso e começou a fazer um cigarro. "Está vendo este mundão de terra aí? O olho cresce. O homem quer mais. Mas suas mãos não dão conta de trabalhar ela toda, dão? Você sozinho consegue trabalhar essa tarefa que a gente trabalha. Esta terra que cresce mato, que cresce a caatinga, o buriti, o dendê, gente que não trabalha. Esta terra que cresce mato, que cresce a caatinga, o buriti, o dendê, não é nada sem trabalho. Não vale nada. Pode valer até para essa gente que não trabalha. Que não abre uma cova, que não sabe semear e colher. Mas para gente como a gente a terra só tem valor se tem trabalho. Sem ele a terra é nada."



Zezé voltou à lida, sem estender a conversa. Meu pai não falou o nome de Severo, mas sabia que ele andava de conversa com o povo da fazenda contando história de sindicato, de direitos, de lei. Estava levando essas conversas para os campos de trabalho. Sabia também que o assunto já devia estar no ouvido de Sutério. Zezé deixou de falar na frente do nosso pai, em respeito, mas voltou ao assunto vez ou outra, desconsiderando seu pensamento. Ele não comentava, mas continuou a indagar sobre as mesmas questões, continuava a expor suas ideias. Dos mais velhos ouviu os mesmos argumentos defendidos por Zeca. Dos mais novos ouviu que seus questionamentos faziam sentido, que seus pais, avós, morreram sem possuir nada. Que o único pedaço de terra a que tinham direito, de onde ninguém os tiraria, era a pequena cova da Viração. Que para aposentar era uma humilhação, pedir documento de imposto ou da terra para os donos da fazenda. Os homens se “amarravam” para entregar alguma coisa, além de explorar o trabalho sem pagamento dos que iam se aposentar. Às vezes chegava o dia de ir para a Previdência e o povo não havia conseguido reunir os documentos de que precisava.

Além da dívida de trabalho para com os senhores da fazenda, não havia nada para deixar para os filhos e netos. O que era transmitido de um para outro era a casa, quase sempre em estado ruim e que logo teria que ser refeita. Os pioneiros não pensavam assim, ou seus pensamentos eram abafados pela urgência de se manter a paz entre os trabalhadores e seus senhores. Ou porque havia uma gratidão pela acolhida que as gerações seguintes já não tinham, talvez por terem nascido e crescido neste lugar. Os mais jovens começavam a se considerar mais donos da terra do que qualquer um daqueles que tinham seus nomes transcritos no documento, que tinha sua cópia disputada e negociada pelos gerentes de forma desvantajosa para eles.

Meu irmão insistiu no assunto, apesar de evitar falar na frente de nosso pai. Vivia com Severo para cima e para baixo, entre um trabalho e outro, para ganhar a atenção dos moradores. “Não podemos mais viver assim. Temos direito à terra. Somos quilombolas.” Era um desejo de liberdade que crescia e ocupava quase tudo o que fazíamos. Com o passar dos anos esse desejo começou a colocar em oposição pais e filhos numa mesma casa. Alguns jovens já não queriam permanecer na fazenda. Desejavam a vida na cidade. Os deslocamentos se tornaram mais intensos que no passado, quando nos transportávamos em animais para outros lugares, cidade e os povoados vizinhos. A vida na cidade, entre viajantes e comerciantes, era atraente. Pesava na decisão justamente o trabalho para os fazendeiros, que foi mantido entre nós e atravessou gerações. Zezé queria dizer ao nosso pai que não nos interessava apenas a morada. Que não havia ingratidão. “Eles que não nos foram gratos, corre boato que querem vender a fazenda sem se preocupar com a gente”, dizia para mim e Domingas. “Queremos ser donos de nosso próprio trabalho, queremos decidir sobre o que plantar e colher além de nossos quintais. Queremos cuidar da terra onde nascemos, da terra que cresceu com o trabalho de nossas famílias”, completou Severo, numa roda de prosa debaixo da jaqueira na beira da estrada.

Mas o desejo de nos libertar terminou por envenenar nossas casas.

Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/11-textos-dos-autores/1576-itamar-vieira-junior-tortorado>. Acesso em 29 jun. 2025.

Glossário:

lida: trabalho duro, geralmente na roça

cova da Viração: cemitério local; lugar onde enterram os mortos


pioneiros: os primeiros que chegaram ou viveram em um lugar

quilombolas: descendentes de comunidades formadas por escravizados


prosa: conversa informal




Até a próxima aula!



Material Extra



Escaneie o QR Code ao lado e obtenha a análise animada do livro Torto Arado, de Itamar Vieira Júnior





Atividades



Leia o texto abaixo.

Kizomba, Festa da Raça

Martinho da Vila

Valeu Zumbi
O grito forte dos Palmares
Que correu terras, céus e mares
Influenciando a Abolição
Zumbi valeu
Hoje a Vila é Kizomba
É batuque, canto e dança
Jongo e Maracatu
[...]

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/martinho-da-vila/287389/>. Acesso em: 29 jun. 2025.



ATIVIDADE 1

D103_P Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

No texto I, no trecho "Hoje a Vila é Kizomba", é utilizada a linguagem

- A) científica, com objetivo de explicar termos e conceitos.
- B) informal, com objetivo de imitar a fala do cotidiano.
- C) poética, com objetivo de expressar emoções e cultura.
- D) jornalística, com objetivo de informar sobre um fato.

GLOSSÁRIO

Kizomba: Ritmo e dança de origem africana, símbolo de união e celebração da cultura negra.

Festa da Raça: Homenagem ao povo negro e à sua luta e contribuição para a cultura brasileira.

Batuque: Ritmo afro-brasileiro marcado por instrumentos de percussão, ligado à ancestralidade africana.

Maracatu: Manifestação cultural afro-brasileira, com música, dança e religiosidade, típica de Pernambuco.

Vila: Referência à escola de samba Unidos de Vila Isabel, que homenageou Zumbi e a cultura negra nesse samba-enredo.

Leia o texto abaixo.

Dandara dos Palmares

Jarid Arraes

Se você já ouviu falar
Da história de Zumbi
Peço então sua atenção
Pro que vou contar aqui
Talvez você não conheça
Por incrível que pareça
Por isso eu vou insistir.

O quilombo dos Palmares
Por Zumbi foi liderado
E nesse mesmo período
Dizem que ele foi casado
Com uma forte guerreira
Que tomou a dianteira
Pelo povo escravizado
[...]

ARRAES, Jarid; PIRES, Gabriela (il.). **Heróínas negras brasileiras:** em 15 cordéis. 2. ed. São Paulo: Seguinte, 2020. 176 p.

ATIVIDADE 2

SAEB - Analisar as variedades linguísticas em textos

A linguagem usada no poema ao lado apresenta traços da variedade popular da língua portuguesa. Isso pode ser observado, por exemplo, no uso da forma verbal "vou insistir", em vez de "insistirei". Sobre o uso dessa variedade, é correto afirmar que

- A) representa um erro gramatical que compromete a compreensão do texto.
- B) demonstra desconhecimento das normas da língua escrita formal.
- C) é inadequada, pois um poema deve seguir regras rígidas da norma-padrão.
- D) é uma escolha estilística que valoriza a oralidade e aproxima o texto da cultura popular.

Leia o texto abaixo.



Um defeito de cor

Ana Maria Gonçalves



O livro *Um Defeito de Cor* inspirou o enredo da Portela no Carnaval 2024. Após o desfile, a obra ganhou grande visibilidade e teve um aumento expressivo nas vendas. A história de Kehinde emocionou a avenida e conquistou novos leitores.

Capítulo um

A borboleta que esbarra em espinhos rasga as próprias asas.

Provérbio africano

Kehinde

Eu nasci em Savalu, reino de Daomé, África, no ano de um mil oitocentos e dez. Portanto, tinha seis anos, quase sete, quando esta história começou. O que aconteceu antes disso não tem importância, pois a vida corria paralela ao destino. O meu nome é Kehinde porque sou uma ibêji, (Ibêji: Assim são chamados os gêmeos entre os povos iorubás), e nasci por último. Minha irmã nasceu primeiro e por isso se chamava Taiwo. Antes tinha nascido o meu irmão Kokumo, e o nome dele significava "não morrerás mais, os deuses te segurarão". O Kokumo era um abiku, (Abiku: "criança nascida para morrer"), como a minha mãe. O nome dela, Dúróorílke, era o mesmo que "fica, tu serás mimada".

[...]

A minha avó nasceu em Abomé, a capital do reino de Daomé, ou Dan-home, onde o rei governava da casa assentada sobre as entranhas de Dan. Ela dizia que esta é uma história muito antiga, do tempo em que os homens ainda respeitavam as árvores, quando o rei Abaka foi pedir ao vizinho Dan um pedaço de terra para aumentar o seu reino. Daquela vez, Dan já deu a terra de má vontade, e quando Abaka pediu outro pedaço para construir um castelo.

Dan ficou bravo e respondeu que Abaka podia construir o castelo sobre a sua barriga, pois não daria mais terra alguma. Com raiva da resposta mal-educada, o rei Abaka matou Dan e, sobre as entranhas espalhadas no chão, ergueu um palácio suntuoso, a partir do qual teve início o grande império do povo iorubá. Dan também é o nome da serpente sagrada, mas esta história fica para mais tarde ou para outra pessoa contar quando chegar a hora dela, porque agora preciso falar de um tempo que começou muito depois, quando a perseguição do rei monstro Adandozan obrigou a minha avó a sair de Abomé e se mudar para Saval.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um Defeito de Cor**. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. 952 p.

GLOSSÁRIO

Suntuoso – algo muito luxuoso, rico, cheio de detalhes e beleza.

Entranhas – órgãos que ficam dentro do corpo, como o intestino; no texto, simboliza as profundezas da terra ou do corpo de Dan.

Perseguição – ato de perseguir alguém de forma injusta ou violenta, muitas vezes por motivos políticos, religiosos ou sociais.

ATIVIDADE 3

SAEB - Analisar as variedades linguísticas em textos

A presença de palavras como “ibêji”, “abiku” e nomes como “Kehinde” e “Dúróorílke” indica

- A) o uso exclusivo da norma-padrão da língua portuguesa, sem influência de outras línguas.
- B) a influência da oralidade e da cultura africana na construção da identidade linguística.
- C) a presença da linguagem informal típica de personagens brasileiros urbanos.
- D) um distanciamento completo das tradições culturais e linguísticas africanas.

ATIVIDADE 4

D103_P Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

Nesse texto, qual trecho apresenta uma marca comumente utilizada na linguagem iorubá?

- A) "Meu nome é Kehinde porque sou uma ibêji, e nasci por último."
- B) "Eu nasci em Savalu, reino de Daomé, África, no ano de um mil oitocentos e dez."
- C) "O que aconteceu antes disso não tem importância, pois a vida corria paralela ao destino."
- D) "Dan ficou bravo e respondeu que Abaka podia construir o castelo sobre a sua barriga."



Referências

Conceitos e conteúdos:

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. Cortez Editora, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto arado**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2019.

Atividades:

ARRAES, Jarid; PIRES, Gabriela (il.). **Heróínas negras brasileiras: em 15 cordéis**. 2. ed. São Paulo: Seguinte, 2020. 176 p.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um Defeito de Cor**. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. 952 p.

